

# PREGÃO DE S. NICOLAU

Recitado em 5 de Dezembro de 1952

por

**Manuel António de Sousa Marques**

Visado pela Comissão de Censura

1000 ex.

VIP. ANTUNES — GUIMARÃES

De novo, Guimarães, o coração em festa,  
que a Tradição é Lei, que sempre nos governa.  
Te vimos recordar a enamorada gesta  
da folga nicolina, em sua graça eterna!

Não cansa em seu amor o coração dum moço.  
Não pode haver na voz hiatos dum quebranto.  
— O «Pinheiro» lá está eternamente grosso,  
monumental, enorme, um mastaréu de espanto!...

Anda a Cidade toda azabumbada... É pasma  
desta força vital, mais nova de ano a ano.  
— Do que o Mundo precisa é duma cataplasma,  
que lhe tire o caruncho e o ranço veterano!

Pode a Terra escacar com bombas de hidrôgen o  
e rolar pelo Espaço aos catataus e aos tombos,  
que sempre hemos de achar o nicolino génio  
na infernal vibração dos nossos velhos bombos!

Pode o «sôr» Mossadegh, em camoeça persa,  
beber o seu petróleo todo duma vez,  
que nós já cá sabemos que isso é uma conversa  
entre o «Zé do Bigode» e o «cavalinho» inglês.

Pode o gordo Faruk estar bem socegado,  
a acabar de comer o que há de bom na vida,  
que a nós, modestamente, basta um bom bocado  
de coisa saborosa ou fruta proibida!...

Queremos á saber se o Eisenhower vai  
dar cabo ou não vai dar da guerra da Coreia!  
— O Santo Nicolau é que é o nosso Pai  
e a sua filharada aos chins não liga meia.

Conferências da Paz e perrices da ONU,  
viagens, entrevistas, tretas, zaragatas...  
— Bichinho humano vil, ó tonto, ó feio, ó tu,  
que tens de humano o gosto e tens de andar de gatas!..

Andamos já tão cheios de ódios e mentiras,  
de incerteza e de dor e má desconfiança,  
que o cabedal do amor já não dá p'ra umas viras,  
umas tombas nos pés da mendigada esp'rança!

Deixemos, pois, ao Mundo aquilo de que gosta  
se se pode gostar do mundo que é nojento e mau,  
e vamos demonstrar como se vive e arrosta  
com a Festa que é nossa, ao nosso Nicolau!!!

\* \* \*

Guimarães, meu enlêvo e minha Terra linda,  
meu doce devaneio e exaltação fecunda,  
andas no meu olhar, como a certeza infinda  
duma virtude antiga, amável e jucunda!

Guimarães da Menagem como Torre erguida  
ao tempo, a coroar a frente duma Raça,  
junto do teu amor é mais quentinha a vida,  
junto de ti não dói a própria dor que passa!

Ao chegar a Dezembro, a tarde curta e fria  
parece desejar que a longa noite venha  
mais depressa envolver em sonho e fantasia  
o jovem coração que em teu amor se empenha.

— Coração de estudante, em sístole medonha  
de amor, na mais leal e nobre transcendência,  
como agitado beijo, oferta de quem sonha  
na dádiva total de reboscada essência!...

Este meu coração que envolvo em capa negra,  
como asa de andorinha que parou de instante,  
vem trazer-te o «Pregão» da académica regra,  
o «Bando» clamoroso, alegre e palpitante!

Nem o frio da tarde, em hálito de gélido,  
nem o frio mais rico dos indiferentes  
é capaz de gelar o entusiasmo e o zélo  
e fazer apagar estrelas reluzentes.

— Luzeiros de Infinito ardem no vosso olhar,  
Donas de Guimarães, Senhoras do meu preito  
Sentimos que sois vós quem vive a renovar  
as rosas do altar-mór erguido em nosso peito!

A Festa Nicolina alteia-se em torneio  
da vossa gentileza e graça imorredoura.  
Batemo-nos por vós, com valoroso enleio  
e o prémio dum sorriso a vida sobre-doura!

Nossas lanças virão trazer as «Maçãzinhas»,  
em luta com o amor que houver para nos dar  
— Que as vossas mãos de fadas possam ser nas minhas  
a «posse» para um beijo... e os lábios a rezar!

E ainda em vossas mãos as «Maçãzinhas» de ouro,  
como outras de que fala a celebrada lenda,  
sejam consideradas a alma dum tesouro,  
cujo velhinho encanto o vosso olhar desvenda!...

\* \* \*

Na volta do Cortejo, em ronda de Saudade,  
ressuscitando o amor das lindas coisas mortas,  
anda o carinho e ardor da nossa mocidade,  
como almas em rumor, que vem bater às portas.

Do tempo que passou evolvem-se perfumes  
e a saudade crescente algumas vezes vem,  
farandolar na vida, igual aos vagalumes,  
que fogem, se consegue aproximar-se alguém.

Do tempo que lá vai — pobre Senhora Aninhas!...  
ainda existe, sorrindo, uma recordação  
de quando maternal e alegremente vinhas  
passar-nos sobre a fronte a carinhosa mão.

Do tempo que lá vai ficou no ouvido o canto  
dos versos dum Poeta, em laudas nicolinas.  
— Braulio será lembrado e muito amado, enquanto  
houver cá neste Mundo inspirações divinas!

Do tempo que passou ou do que vai passando,  
reliquias do Passado — E vive uma presente, —  
não esquece jámais o nosso venerando  
Jerónimo Sampaio, o Tambor-Mór em frente!

Alto fogo do Céu lhe poz na alma a vida  
das Festas Nicolinas, seu aplauso e ideia.  
— A nossa gratidão — Honra lhe é devida! —  
de eterna mocidade o cubra, em vida cheia!

\* \* \*

Vamos fazer calar o «Bando» que lançamos,  
nas ruas da Cidade, a Bela adormecida.  
E vamos perdoar o estado em que encontramos  
a calçada da rua toda remexida!

Um destino malvado faz pensar a gente  
como aqui no torrão a má preguiça medra.  
— A não ser que se adopte agora o expediente  
de estostrar a calçada, p'ra a correr à pedra!...

Anda a nossa esperança alheadamente errante!  
Nem um rumor sequer anima as nossas praças!  
— Chegou-se àquele apuro, longo de espectante,  
da atroz resignação em todas as desgraças!...

O! que há para fazer de há tanto tempo peca  
por não ter sido feito há muito tempo já,  
que o melhor a fazer, p'ra não doer a breca,  
é deixar que isto tudo fique como está!

É pena que se funde a malfadada crença  
a que o nosso desgosto já se tem afeito!  
Era bom caminhar, mas sem pedir licença  
ao pé que fôr esquerdo o andar do pé direito!...

Senão, não vale a pena esta prosápia inchada  
de andarmos a embalar o «Berço» carunchento.  
— Nunca mais dará gente a criança enfesada...  
Interna vermicela aflige o perricento!

Aqui se pede ao Rei, Senhor Afonso Henriques,  
que se mova à cruzada e dite novas leis,  
a ver se as obras grandes, mesmo os arrebiques,  
saem da Engenharia e surgem dos papéis!...

A ver se Guimarães, a Terra das virtudes,  
que em tantos feitos bons seus homens enobrecem,  
deixa de andar cola a aos renitentes grudes  
dos programas que são tão velhos que aborrecem!

E se o nosso «Pinheiro» der para uma trave  
das novas construções das muitas por fazer,  
o Santo Nicolau não põe nenhum entrave.  
— Podem utilizá-lo. É dado com prazer!...

\* \* \*

Ao espírito gentil da nossa Festa antiga,  
ao quentinho arquejar do nosso coração,  
nós vimos entregar o voto a que se obriga  
a fé tradicional da nossa Geração.

Todos por Guimarães, na mesma aliança amiga,  
todos e cada um, dando entre si a mão,  
a romper o caminho em flor por onde siga  
o passo dum amor, que se não sinta em vão!

E para que este voto atraia o bom milagre,  
deixai que a vós, Senhoras, nosso amor consagre  
a valia maior da nossa vida inteira.

Convosco Guimarães e nós em vossa prece  
seremos a Cidade Nova que floresce  
nos braços da Fidalga Santa da Oliveira!

\* \* \*

Maçanetas ao alto! Avance a «malta» em peso,  
por essas ruas lóras, a zabumbar de rijo!  
— As cordas no esticão do coiro muito teso,  
os ecos a acordar ao longe, veso em veso,  
e os cães a suspender, de pata ao alto, o mijo!II!...

F I M

Guimarães, 5 de Dezembro de 1952.

*J. M. Pinto de Almeida.*